

## Apresentação

### Dossiê

#### Psicologia Histórico-Cultural na Educação Básica: práticas e pesquisas

*Flávia da Silva Ferreira Asbahr*<sup>1</sup>  
*Camila Turati Pessoa*<sup>2</sup>

As interfaces entre Psicologia e Educação constituem-se como campo de pesquisa e prática profissional na construção de intervenções que incidem junto aos processos de desenvolvimento, aprendizagem e apropriação do conhecimento que ocorrem na educação escolar.

Historicamente sabemos que um dos primeiros campos no qual a Psicologia explorou em seu processo de tornar-se ciência, ainda no final do século XIX, foi a Educação, com investigações que buscavam justificar as denominadas dificuldades de aprendizagem atribuindo-as à criança, sua família, ou no máximo ao ambiente pertencente aos alunos, tomando tais fatores como explicação às causas para esses problemas, conforme já foi fortemente denunciado por Patto (1984, 1999).

Desde o final dos anos 80 e, mais especificamente a partir dos anos 90, vemos no Brasil o esforço para construir uma Psicologia com olhar e atuação em uma perspectiva crítica na educação escolar, como em Souza (2021), Souza, Silva e Yamamoto (2014), Facci (2004, 2007), Tanamachi e Meira (2003), Machado e Souza (2000), entre muitos outros exemplos.

---

<sup>1</sup> Professora assistente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências, UNESP-Bauru. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7338-0003>. E-mail: [flavia.asbahr@unesp.br](mailto:flavia.asbahr@unesp.br).

<sup>2</sup> Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade, Uberlândia – MG, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0803-2472>. E-mail: [camila.pessoa@ufu.br](mailto:camila.pessoa@ufu.br).

Nesse caminho, há uma parte considerável de autores nacionais e internacionais que pesquisam e trabalham a partir dos preceitos da Teoria Histórico-Cultural no campo de atuação da Psicologia junto à escola, buscando interconexões entre os diferentes objetos da ciência psicológica e das ciências pedagógicas. Destacamos a precisão do teórico Rubinstein (1976), representante dessa teoria, quando elucida sobre as especificidades dos objetos das duas ciências:

Consideramos que o mais importante para a prática das tarefas de investigação psicológica é *descobrir o conteúdo psicológico interno da atividade humana* o qual se manifesta e forma o homem, suas qualidades psíquicas. Para a prática pedagógica, a tarefa será descobrir o conteúdo psicológico interno da atividade da criança em curso no qual se realiza seu desenvolvimento e se formam suas qualidades psíquicas (p. 201, grifos do autor, tradução nossa).

Em síntese, o objeto da Psicologia são as leis psicológicas do desenvolvimento do psiquismo e o processo pedagógico é sua condição. Por outro lado, o objeto da Pedagogia são as leis específicas da educação e do ensino e as propriedades psíquicas são as condições que devem ser levadas em conta.

Nesse sentido, o **objetivo** deste dossiê é apontar caminhos e reunir referencial, pelas produções de uma Psicologia Escolar embasada epistemologicamente na Teoria Histórico-Cultural, visando que práticas e pesquisas possam ser constituídas nas e junto às escolas de maneira crítica.

Ainda, almeja que a Psicologia e seu papel se façam compreendidos pelos outros atores que participam do cotidiano escolar, somando parcerias nos trabalhos e olhares ali desenvolvidos. Nesse caminho, pretendemos compilar algumas das principais contribuições dessa área de saber pelo embasamento da Teoria Histórico-Cultural ampliando sua compreensão e somando-se aos esforços para este campo de estudo e atuação profissional, o qual necessita ser pensado e construído de maneira fundamentada e compromissada com a Educação para esquivar-se de olhares individualizantes e patologizantes.

Em breve contextualização, faz-se imprescindível à compreensão do que faz a Psicologia na e para a escola, seu objeto de intervenção, em especial a educadores e profissionais que estão presentes na educação escolar, pois

fortalecemos os esforços para que haja uma Psicologia concreta, que compreenda os fenômenos psicológicos em sua relação com os processos pedagógicos. Como dissemos, nem sempre os profissionais dessa área estiveram presentes dentro de espaços educacionais visando uma compreensão ampliada da realidade e das diversas manifestações humanas presentes no âmbito escolar. A preocupação de não se estabelecer atendimento individual e/ou colocar a/o psicóloga/o como aquela/e que é apartada/o do processo educativo e está na escola para resolver problemas de forma isolada faz-se presente nos dias atuais e cresce a cada dia ao pensarmos como queremos a Psicologia junto à Educação.

No Brasil, temos o contexto da aprovação da Lei nº 13.935, de 11 de Dezembro de 2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de Educação Básica na qual coloca o profissional de Psicologia como parte da equipe multiprofissional. Na descrição da referida lei não se estabelecem os princípios norteadores da atuação deste profissional e tampouco diretrizes para que sua prática ocorra. Diante disso, entendemos que há uma brecha para toda sorte de ações a serem desenvolvidas nas escolas: inclusive aquelas que devem ser superadas, as quais individualizam e patologizam questões que, na verdade, são socialmente estabelecidas.

Para que não coadunemos com uma lógica positivista e reducionista dos fenômenos psicológicos e pedagógicos dentro do contexto educacional, é preciso divulgar as especificidades da psicologia escolar para os vários atores envolvidos na educação escolar: o próprio psicólogo, professores, gestores, pesquisadores em educação, e comunidade escolar de forma geral. Dessa forma, quanto mais compreendermos sobre o papel da Psicologia e seus enlaces com a Educação, mais conseguiremos que tanto profissionais dentro da escola quanto da comunidade escolar fora dela entendam e lutem contra atuações que reduzem as produções sociais, culturais e coletivas como apenas uma expressão individual ou biológica.

Diante deste contexto, pretendemos compartilhar caminhos possíveis por meio de textos que se debruçam a versar sobre algumas temáticas da Psicologia

na Educação para amparar pesquisas e intervenções comprometidas com a transformação social a partir da Educação e a Teoria Histórico-Cultural nos oferece essa sustentação teórico-metodológica. Assim, esperamos contribuir com produções científicas para que sejam elaboradas e realizadas pesquisas e ações que se somem a esse compromisso.

O primeiro texto do dossiê, intitulado “Apontamentos sobre os fundamentos teórico-metodológicos de Vigotski para a atuação e a investigação da Psicologia na Educação”, constitui-se como síntese das leituras do grupo de estudos sobre Vigotski e Marx do LIEPPE (Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar e Educacional). Os autores Ana Karina A. Checchia, Célia Regina da Silva, Elenita de Rício Tanamachi, Isabel A. Hamada, José Alves Trindade e Rosemeire Foltran são integrantes do referido coletivo e, como síntese do percurso do grupo, apresentam e desenvolvem quatro teses sobre a relação entre os fundamentos marxistas e a teoria vigotskiana essenciais à intervenção e à investigação em psicologia escolar crítica embasada na teoria histórico-cultural. As teses são: 1) leitura de Marx é fundamental para a compreensão das obras de Vigotski; 2) o método materialista histórico-dialético é a essência da teoria do ser social e da Psicologia Histórico-Cultural; 3) a Psicologia Histórico-Cultural transforma o conteúdo e a forma de análise e explicação da Psicologia na Educação, criando as bases objetivas para a transformação da atividade do/a psicólogo/a; 4) a Psicologia Escolar, ao superar a sua condição meramente técnica, assume o seu lugar no contexto teórico prático que lhe é próprio como dimensão educativa da Psicologia e da formação do/a psicólogo/a e como dimensão psicológica da formação de professores/as e de educadores/as em geral. O artigo abre o dossiê visto que traz como finalidade “explicar *por que, para que e como* o/a psicólogo/a escolar necessita estudar a Psicologia de Vigotski”, o que é fundamento central desta publicação.

Em “Psicologia Escolar, políticas educacionais e os impactos da Pandemia de Covid-19: reflexões a partir do enfoque histórico-cultural”, de Marilene Proença Rebello de Souza, temos um impressionante panorama dos efeitos da Pandemia de Covid-19 no contexto brasileiro produzidos pelo negacionismo do governo brasileiro

sobre a doença e sua negligência na organização de políticas públicas de saúde para mitigação de seus efeitos. Na segunda parte do texto, a autora reflete sobre os principais impactos da Pandemia na educação brasileira e sobre as possibilidades de atuação de psicólogos(os) escolares no âmbito das políticas públicas educacionais, com destaque para as contribuições do enfoque histórico-cultural enquanto referencial de fundamento para a *práxis* da Psicologia. Nesta perspectiva, alguns dos desafios a serem enfrentados pela Psicologia Escolar consiste na compreensão de intersectorialidade das políticas públicas e realização conjunta de um diagnóstico geral da situação escolar. A autora propõe, ainda, que resgatemos duas dimensões inseparáveis na escolarização: o acolhimento e o conhecimento, afirmando a unidade afeto-cognição no processo educativo. Em todo seu percurso analítico, o artigo reafirma a educação como um direito de todos e todas, cabendo ao Estado sua garantia.

O artigo “Contribuições histórico-culturais à Psicologia Escolar na Educação Especial Inclusiva”, de autoria de Sonia Mari Shima Barroco e Iracema Neno Cecilio Tada, tem como objetivo discutir as contribuições da Psicologia Escolar à modalidade da Educação Especial sob a perspectiva da educação inclusiva, à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, denuncia o recuo da teoria em tempos pós-modernos e afirma a função social da escola como espaço privilegiado de formação do pensamento teórico e acesso ao conhecimento clássico. Defende que uma escola é inclusiva quando busca garantir que todas as pessoas possam se apropriar das riquezas materiais e não materiais que a humanidade criou. Tendo como tese central a formação social do psiquismo, o artigo defende que os limites e possibilidades para a aprendizagem do aluno com deficiência ou necessidades educativas especiais são fundamentalmente impostos pelas relações sociais que o circundam e não meramente pelos aspectos biológicos próprios à condição que apresenta. O artigo traz, portanto, contribuições para que possamos refletir sobre a atuação da Psicologia Escolar à Educação Especial e Inclusiva, tendo como referência que uma boa escola deve promover o desenvolvimento de seus estudantes e professores.

O quarto artigo, intitulado “As queixas escolares: análises a partir da Psicologia Histórico-Cultural”, com autoria de Nilza Sanches Tessaro Leonardo,

Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal e Solange Pereira Marques Rossato, objetiva realizar uma discussão e reflexão sobre as queixas escolares, apresentando a Psicologia Histórico-Cultural e seus pressupostos como contraposição ao cenário medicalizante e a visão hegemônica acerca do processo de escolarização e dos elementos que constituem a queixa escolar. As autoras defendem que é preciso superar a lógica de transformação das intercorrências no processo de ensino e aprendizagem em patologia ou transtorno, com um olhar crítico sobre a educação escolar. Ao recuperarem a forma como o fenômeno das queixas tem sido abordado pela Psicologia, remontam um histórico da área que já corroborou com a segregação e rotulação de alunos em seu processo de escolarização e do quanto a Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva crítica contribuiu e vem contribuindo com a superação do olhar a esse fenômeno. O artigo, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, convida que se repense a lógica de “sucesso” e “fracasso” escolar, pois compreendendo a constituição humana sendo necessariamente formada pela cultura e relações sociais, soma-se forças para um entendimento ampliado das nuances presentes no processo ensino e aprendizagem, favorecendo o processo de humanização ao olharmos à singularidade de cada aluno na escola.

No quinto artigo do presente dossiê, intitulado “Processos grupais e atividade docente: uma proposta interventiva para saúde psicológica”, de Luciete Valota Fernandes, objetivou-se investigar como o processo grupal pode ser um instrumento de resistência ao sofrimento, ao adoecimento e à alienação no trabalho docente. Utilizando-se da Psicologia Histórico-Cultural e da perspectiva histórico-dialética, apresenta uma pesquisa realizada junto a docentes por meio de intervenção com processo grupal. A autora contextualiza o cenário de sucateamento e condições precárias de trabalho que vive a classe professoral e apresenta a Psicologia Escolar e Educacional em perspectiva crítica de atuação como parceira para pensar e intervir junto a professores na busca por constituir elementos promotores de saúde mental no contexto de trabalho. Defende o trabalho grupal como fator de resistência ao sofrimento e ao adoecimento docente, apresenta as temáticas e discussões que perpassaram o trabalho junto ao grupo de professores e reitera que a partilha ocorrida

durante o trabalho com o grupo cria, ao mesmo tempo, elementos para a resistência à alienação do trabalho e, por outro lado, evidencia aquilo que é possível realizar na atividade docente mesmo em meio a condições tão controversas. É um convite a se pensar o adoecimento docente por meio de uma proposta interventiva a partir da Psicologia Escolar que possibilita discussões e constituição na área tanto da Psicologia quanto da Educação.

No artigo “Relación familia y escuela: Las familias potenciadoras”, os autores Guillermo Arias Beatón, Laura Marisa Carnielo Calejon e Ariel Zulueta Bravo discutem o papel da relação família-escola na promoção do desenvolvimento infantil tomando como referência o conceito de família potencializadora. Partem da Teoria Histórico-Cultural e defendem a importância do estudo integral do desenvolvimento humano. O artigo faz uma contextualização histórica importante de como Cuba organizou suas políticas públicas de educação escolar depois da Revolução de 1959 e apresenta brevemente o papel da Campanha Nacional de Alfabetização, que em 1961 decreta que o país está livre do analfabetismo, da Federação das Mulheres Cubanas, dos Círculos Infantis e do Programa *Educa tu hijo*. Traz uma síntese dos resultados obtidos em investigações realizadas no contexto cubano, em diferentes momentos e de forma longitudinal, sobre o papel educativo das famílias. Constata-se que mães e pais precisam estar preparados para exercer seu trabalho educativo de maneira a promover o desenvolvimento de seus filhos e esta formação deve ser uma função do Estado. Algumas das conclusões das pesquisas realizadas referem-se à caracterização das famílias potencializadoras: compartilham sua função educativa de forma consciente com a escola, o que cria uma relação orgânica e estreita entre família e escola no que diz respeito à educação, aprendizagem e desenvolvimento; buscam e adquirem, de forma constante e sistemática, informações e conhecimentos sobre como educar seus filhos. Destaca-se, ao final, a necessidade de garantir uma estreita inter-relação entre o trabalho educativo da escola e da família de forma a consolidar a qualidade educacional como um produto da materialização do desenvolvimento cultural essencial para a formação do ser humano.

No artigo “Das lições diárias de outras tantas pessoas: vivências em Psicologia Escolar na Educação Básica”, de Silvia Maria Cintra da Silva e Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, as autoras objetivam contribuir com a discussão e constituição de referencial para uma atuação em Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva crítica compartilhando relatos próprios por meio de vivências profissionais realizadas no intuito de contribuir com atuação junto a estudantes e docentes da Educação Básica. A partir da premissa que se constituam práticas na educação escolar embasando-se em um referencial sólido, as autoras também utilizam-se de dados de uma pesquisa realizada em sete estados brasileiros junto a psicólogas/os da rede pública de Educação e endossam a discussão, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, da importância de se possuir uma sustentação teórica consolidada para que se possa elaborar práticas profissionais incidindo na área da Educação de forma emancipadora e crítica.

O artigo “Enfrentando a medicalização no chão da escola: pesquisa, teoria e prática”, com autoria de Adriana de Fátima Franco, Silvana Calvo Tuleski e Fernando Wolff Mendonça, tem como objetivo relatar uma proposta interventiva em Psicologia no qual se trabalhou a temática da medicalização, a partir de demanda de secretarias de educação de municípios do estado do Paraná, as quais relataram preocupação a respeito do massivo número de alunos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental que eram medicados com psicotrópicos com a premissa de cuidar de suas questões comportamentais e/ou de aprendizagem. Os autores relatam o processo interventivo e formativo junto às escolas e reafirmam a necessidade de articulação junto às políticas públicas para o cuidado à infância para que cada sujeito possa crescer, desenvolver e aprender considerando sua singularidade.

O penúltimo artigo do dossiê intitula-se “Atividade de estudo como conceito central para a psicologia escolar”, de autoria de Flávia da Silva Ferreira Asbahr e Ana Bárbara Joaquim Mendonça. Tem como objetivo apresentar a atividade de estudo enquanto um conceito fundamental à atuação da/o psicóloga/o escolar que se orienta a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Primeiramente, as autoras fazem uma breve contextualização da constituição histórica da psicologia escolar crítica e focam a psicologia histórico-cultural como teoria que pode dar respostas

à compreensão e à atuação frente às queixas escolares. Defendem que entender sobre a atividade de estudo da criança é fundamental para compreender a quem se ensina, ou seja, como o estudante aprende e se desenvolve. Apresentam, ainda, como a atividade de estudo desenvolve-se, estrutura-se e quais são seus resultados no desenvolvimento da criança, bem como ressaltam seu conteúdo, os conceitos teóricos. Sustentam que analisar a aprendizagem das crianças a partir da estrutura e do desenvolvimento da atividade de estudo traz elementos fundamentais para uma compreensão concreta do desenvolvimento infantil, essenciais à atuação em psicologia escolar de forma crítica.

Por fim, o décimo artigo intitulado “A formação inicial de professores à luz da psicologia histórico-cultural: constituindo saberes para uma prática crítica” tem como autoras Camila Turati Pessoa e Jane Teresinha Domingues Cotrin. A escrita consistiu em apresentar reflexões, partindo dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, a respeito da formação inicial de professores almejando que se possa constituir uma atuação crítica na realidade pelo futuro docente da Educação Básica. As autoras evidenciam conceitos importantes na formação do professor para que se possa elaborar a futura atividade docente coadunada com a transformação social a partir da Educação e apropriação dos conhecimentos. O artigo ainda defende que, para se constituir um olhar crítico aos processos de ensino, aprendizagem, desenvolvimento humano em sua singularidade, é preciso que estes fenômenos sejam abordados e trabalhados de maneira aprofundada durante o Ensino Superior, relacionando-se com a realidade escolar e subsidiando a construção de ações de ensino voltadas à formação humana.

Os artigos que compõem este dossiê têm importantes pontos em comum que, a nosso ver, são essenciais à uma atuação em Psicologia na Educação Básica em uma perspectiva crítica. Como comungam do mesmo referencial teórico, a Psicologia Histórico-Cultural, todos os textos partem da premissa de que o psiquismo é constituído culturalmente e socialmente, o que dá suporte para uma compreensão anti-biologizante e não medicalizante da aprendizagem e do desenvolvimento dos sujeitos escolares.

Os textos também compartilham a afirmação sobre a função social da escola como local privilegiado de acesso ao conhecimento teórico e, nesta discussão sobre o papel da educação escolar, retomam a tese vigotskiana: um bom processo de ensino e de aprendizagem (*obutchénie*) deve promover o desenvolvimento de seus estudantes e professores.

A explicação de Rubinstein (1976) sobre as relações entre Psicologia e Educação, mencionada no início desta apresentação, também é retomada em diferentes textos, trazendo as especificidades e inter-relações entre os dois campos de conhecimento e atuação.

Por outro lado, a compreensão sobre a Psicologia Histórico-Cultural e sobre a própria Psicologia Escolar não aparece de maneira homogênea nos artigos. Há textos que defendem que a diferenciação entre “Psicologia da Educação” e “Psicologia Educacional” e “Psicologia Escolar” não deve ser uma questão central para a área, pois não pode haver cisão radical entre conhecimento teórico e suas aplicações. Por outro lado, há artigos que explicam as especificidades de cada termo, reiterando as já clássicas contribuições de Gatti (1997).

Embora tenhamos uma primazia das contribuições vigotskianas à Psicologia Escolar, outros autores da teoria histórico-cultural aparecem nos textos: Leontiev, Luria, Elkonin, Davidov, Bozhovich, Petrovski etc. São mencionados, ademais, outros autores que não são da escola soviética, mas trazem contribuições críticas importantes para pensarmos os processos de escolarização como Ignácio Martin-Baró, Paulo Freire, Demerval Saviani, Maria Helena de Souza Patto, entre outros.

Os conceitos teóricos também não aparecem de maneira unificada, mostrando a abrangência de interpretações e aprofundamentos que a teoria histórico-cultural tem em nosso país. Apenas como um pequeno exemplo, no que tange às discussões de Vigotski sobre desenvolvimento e aprendizagem, ora vemos o uso do termo Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ora Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI), demonstrando como até mesmo nas traduções dos termos não há completa unanimidade.

De qualquer maneira, em que pese as diferenças de interpretação e compreensões teóricas, os textos que compõem o dossiê ressaltam os fundamentos epistemológicos marxistas na teoria vigotskiana e mostram como a compreensão do método materialista histórico-dialético é um dos diferenciais fundamentais da teoria em foco.

Por fim, no contexto de implementação da Lei Federal nº 13.935/2019, mencionada anteriormente, esperamos que o dossiê possa trazer contribuições importantes para que professores, professoras e demais atores da seara educacional possam conhecer as possibilidades de atuação da Psicologia na escola de modo que possamos produzir parcerias na direção da construção de uma Educação de qualidade, de fato promotora do desenvolvimento humano.

## Referências

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de Dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de Educação Básica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm). Acesso em 19 de janeiro de 2022.

FACCI, M. G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construcionismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FACCI, M. G. D. “Professora, é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” – Reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva Vigotskiana. In: MEIRA, M. E.; FACCI, M. G. (Orgs.). *Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

GATTI, B. A. O que é psicologia da educação? Ou, o que ela pode vir a ser como área de conhecimento? *PEPG Em Educação: Psicologia da Educação*. N. 5, 1997, pp. 73-90. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/42902>.

MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. 2ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. v. 1. 120p.

PATTO, M. H. S. *Psicologia e Ideologia: Uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

RUBINSTEIN, S. L. *Problemas de psicologia general*. México- DF: Grijaldo, 1976.

SOUZA, M. P. R. *Psicologia Escolar e Políticas Públicas para a Educação Básica na América Latina: pesquisas, impasses e desafios*. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2021. v. 1. 224p . Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/602>. DOI <http://doi.org/10.11606/9786587596129>.

SOUZA, M. P. R.; SILVA, S. M. C; YAMAMOTO, K. (Orgs.) *Atuação do psicólogo na Educação Básica: concepções, práticas e desafios*. Uberlândia: Edufu, 2014.

TANAMACHI, E. R; MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia da Educação. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. *Psicologia escolar: práticas críticas*, pp. 11-62. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.